

– Críticas & alternativas –

Da Espanha ao Curdistão: Paralelos entre a revolução libertária espanhola e a revolução social em Rojava

Mauro J. Cavalcanti

Rizoma Editorial
Caixa Postal 46521, CEP 20551-970, Rio de Janeiro, RJ, Brasil
maurobio@gmail.com

Introdução

O fracasso da Revolução Libertária Espanhola de 1936-1939 representou, segundo Woodcock (2002), o colapso do movimento anarquista histórico iniciado por Proudhon e Bakunin em meados do século anterior. Apesar dos enormes sucessos práticos alcançados no estabelecimento de comunas livres e na coletivização democrática das fábricas e áreas agrícolas no início da revolução libertária (ALEXANDER, 1999; BRENAN, 1943; BOOKCHIN, 1994; CASANOVA, 2005; DOLGOFF, 1974; LEVAL, 1945; MINTZ, 2008; PEIRATS, 2006; SANTILLÁN, 1980), os anarquistas não puderam resistir nem ao poderio militar dos fascistas, por um lado, nem às intrigas políticas e manipulações dos comunistas, “que minaram a posição anarquista atrás das linhas republicanas” (WOODCOCK, 1981), por outro. Ainda de acordo com este autor, embora o movimento anarquista tenha renascido a partir do

final década de 1960, “como a fênix que desperta num deserto que começa a florescer” (WOODCOCK, 1981), ressurgiu em novas bases e com outra abordagem.

Com efeito, desde a Revolução Espanhola, apesar de manifestações importantes como as Jornadas de Maio de 1968 em Paris, as Batalhas de Seattle em 1999 e de Gênova em 2000 e os já mais recentes episódios das ocupações de praças em Atenas (Praça Syntagma, 2011), Madrid (Puerta del Sol, 2012), Nova York (Zuccotti Park, 2012), Istambul (Praça Tahir, 2013) bem como as Jornadas de Junho de 2013 no Brasil, o anarquismo não teve nenhuma ação significativa organizada em qualquer país, no sentido de ressurgir como um movimento de massas com milhões de adeptos, como ocorreu durante a Revolução Espanhola. Assim, por exemplo, durante as décadas de 1960 e 1970, os movimentos anticoloniais na África e na Ásia apresentaram-se todos como “movimentos de libertação nacional”, de inspiração marxista-leninista, apesar de seu amplo apoio popular e

imenso potencial libertário. Neste caso, todos os regimes estabelecidos nesses novos Estados-nação tornaram-se invariavelmente em ditaduras de partido único (revertendo, na prática, à situação colonial de países “periféricos” com economias direcionadas para a exportação de matérias-primas para os países do “capitalismo central”). Porém, no final da primeira década do presente século, uma nova situação parece apontar para uma mudança nesse quadro, a partir da experiência concreta surgida da luta pela autonomia do povo curdo em Rojava (Curdistão ocidental - Síria setentrional).

Situada ao norte da Síria (aproximadamente entre 36.3° e 37.5 ° de latitude N e 35.5 ° e 42.5 ° de longitude E), Rojava (no dialeto Kurmânji do idioma curdo, *Rojavayê Kurdistanê*, de *rojawa* que significa “Oeste”) é uma região de maioria curda declarada autônoma em 2012 por uma coalizão de partidos políticos de oposição¹ ao regime do ditador sírio Bashar al-Assad, durante a Guerra Civil Síria iniciada em 2011 (EGRET e ANDERSON, 2016). Rojava cobre uma área de cerca de 18,300 km² e divide-se em três cantões (distritos administrativos auto-governados): Efrîn, Kobanê e Cizîrê, com uma população total de cerca de 2,5 milhões de habitantes (que aumentou para 4,6 milhões com a Guerra Civil Síria). A região autônoma abrange cerca de 380 cidades e vilas e o maior centro urbano é Qamişlo (Cantão de Cizîrê), com uma população de 400.000 habitantes, que tem funcionado como a capital de Rojava (KURDISTAN NATIONAL CONGRESS, 2014; Strangers in a Tangled

Wilderness, 2015; YOUSEF, 2015). A composição demográfica da região autônoma de Rojava consiste em três grupos étnicos principais (TEJEL, 2009; YILDIZ, 2005): curdos (espalhados por toda a região), árabes (um grupo pan-étnico concentrado na parte meridional do Cantão de Cizîrê e nos Distritos de Girê Spî e Ezaz) e assírios (um grupo etno-religioso com maior presença nas áreas urbanas do Cantão de Cizîrê, em povoados ao longo do Rio Xabûr e no Distrito de Girê Xurma). Estão também presentes minorias turcas (em Ezaz, Menbîç e Cerablûs), armênios e circassianos (em Menbîç) e yazidis (um grupo etno-religioso).

O principal recurso econômico da região é o petróleo (cuja produção concentra-se no Cantão de Cizîrê e atingia 40.000 barris/dia antes da guerra), seguida pela agricultura (trigo e algodão) e pecuária ovina. Antes da Guerra Civil Síria, havia algumas fábricas de cimento, usinas siderúrgicas e instalações de beneficiamento de óleo de oliva, que tiveram a produção prejudicada pela guerra (YILMAZ, 2014; YOUSEF, 2015).

Mesmo travando uma guerra em duas frentes – contra o exército sírio e o ISIS (*Islamic State of Iraq and Syria*², o “Estado Islâmico”) – a partir da declaração de autonomia (não reconhecida pelo governo sírio), o povo de Rojava deu início a uma revolução social voltada para a construção de uma sociedade multi-étnica baseada na democracia direta, economia cooperativa, igualdade de gênero e sustentabilidade ecológica, conforme os princípios do Confederalismo Democrático (BOOKCHIN, 2015; ÖCALAN, 2011).

¹ O Movimento por uma Sociedade Democrática (TEV-DEM, *Tevgera Civaka Demokratik*), composto pelo Partido da União Democrática (PYD, *Partiya Yekîtiya Demokrat*) e o Conselho Nacional Curdo (ENKS, *Encûmena Nistimanî ya Kurdî li Sûriyê*).
Revista Território Autônomo | n° 3 | Primavera de 2016

² Também conhecido como ISIL, *Islamic State of Iraq and the Levant* ou *Daesh*, em árabe).

Vários observadores (ARETAIOS, 2015; FLOOD, 2015; GRAEBER, 2014; FITZHERBERT, 2015; LEVERINK, 2014; STANCHEV, 2015a; WEINBERG, 2015) têm apontado os possíveis paralelos entre os métodos de ação e as formas de organização adotadas sob inspiração anarquista na Revolução Espanhola e a revolução social em Rojava. Graber (2014) ressaltou, por exemplo, a notável semelhança entre as milícias femininas autônomas de Rojava (que atuam em operações de combate contra o “Estado Islâmico”) e as da Espanha revolucionária. Em alguns casos, tais paralelos têm ido além de conjecturas intelectuais: por exemplo, Stanchev (2015) menciona que um grupo marxista-leninista turco (MLKP³), lutando ao lado das milícias populares curdas na batalha pela libertação da cidade de Kobanê (sitiada pelo “Estado Islâmico”), levantou a bandeira da República Espanhola sobre as ruínas da cidade, conclamando a formação de Brigadas Internacionais em apoio à revolução curda, seguindo o exemplo da Revolução Espanhola. Todavia, até o momento nenhuma análise mais detalhada foi realizada a respeito de tais paralelos.

O objetivo deste artigo é explorar, ainda que em linhas gerais e de forma sintética, os diversos paralelos que podem ser observados entre a experiência espanhola e a revolução curda em Rojava, numa tentativa de refletir sobre a convergência das formas de organização e ações libertárias nas oito décadas e milhares de quilômetros que separam essas duas experiências. Também serão apresentadas e discutidas algumas

importantes diferenças entre ambas. Na conclusão, a revolução social de Rojava será situada no contexto de outras lutas emancipatórias de inspiração libertária, passadas e presentes, em outras partes do mundo.

Paralelos entre as experiências curda e espanhola

Os paralelos entre a revolução social na Espanha de 1936 e no Curdistão de 2016 podem ser categorizados em quatro principais aspectos: segurança, economia, governança e educação. Em cada uma dessas categorias, há semelhanças maiores ou menores entre as duas experiências, conforme será discutido em mais detalhes a seguir.

Segurança

Como aconteceu na Espanha revolucionária, a revolução social em Rojava ocorre em meio a uma guerra civil que, de fato, propiciou e acelerou a autonomia da região. Um dos mais claros paralelos entre as duas experiências é a constituição de milícias populares (“o povo em armas”) que, em ambos os casos, desempenharam um papel decisivo na luta pela emancipação. Assim, foram as milícias anarquistas que derrotaram a tentativa inicial de golpe dos militares fascistas em Barcelona e outras cidades espanholas em julho de 1936; da mesma forma, em julho de 2012 as Unidades de Proteção Popular (YPG - *Yekîneyên Parastina Gel*) assumiram o controle de Kobanê e outras cidades de Rojava, em seguida à retirada, sem resistência, das forças de segurança do governo sírio. O YPG é uma milícia popular democrática, em que os oficiais são

³ Partido Comunista Marxista-Leninista (*Marksist-Leninist Komünist Partisi*), grupo clandestino de orientação stalinista que atua na Turquia.
Revista Território Autônomo | n° 3 | Primavera de 2016

eleitos e não existem patentes (AHMAD, 2012; ROSS, 2015), muito à semelhança das milícias populares na Espanha revolucionária (ORWELL, 1986). As milícias populares de Rojava só dispõem de armamentos leves e nenhuma aeronave (ROSS, 2015; Strangers in a Tangled Wilderness, 2015), mas recondicionaram caminhões pesados para servirem como carros de combate, tal como fizeram os anarquistas na Espanha revolucionária (BEEVOR, 2006; Strangers in a Tangled Wilderness, 2015). Ross (2015) assinala que, por outro lado, armamentos pesados como morteiros e mísseis anticarro têm sido copiosamente fornecidos pelos Estados-nação ocidentais aos combatentes curdos do Iraque (que não participam do projeto confederativo-democrático de Rojava) – uma situação que não difere da notória escassez de armas e munições enfrentada pelos anarquistas espanhóis, devido ao embargo de armas imposto pela França e Inglaterra ao governo republicano e também pela relutância desse mesmo governo em distribuir às milícias anarquistas da CNT/FAI as poucas armas disponíveis (ALEXANDER, 1999; BEEVOR, 2006; BRENAN, 1943; BOLLOTEN, 1991; CASANOVA, 2005).

O mais notável paralelo com a Revolução Espanhola em relação às milícias populares de Rojava são as Unidades de Proteção da Mulher (YPJ, *Yekîneyên Parastina Jin*), uma brigada inteiramente feminina muito assemelhada à organização *Mujeres Libres* da Espanha revolucionária, cujas combatentes lutaram simultaneamente pela libertação das mulheres e pela revolução social (ACKELSBERG, 2004; RAGO, 2008), ao lado das organizações com predomínio masculino como a Confederação Nacional do *Revista Território Autônomo* | n° 3 | Primavera de 2016

Trabalho (CNT) e a Federação Anarquista Ibérica (FAI), numa relação semelhante à das Unidades de Proteção da Mulher (YPJ) com as Unidades de Proteção Popular (YPG) em Rojava.

O YPJ e o YPG têm sido as principais forças de resistência, no norte da Síria, ao “Estado Islâmico” e outros grupos jihadistas (Al-Qaeda e sua ex-afiliada Jabhat al-Nusra, agora auto-denominada Jabhat Fatah al-Sham, FORSTER, 2016), com vitórias importantes como a batalha pela cidade de Kobanê entre setembro de 2014 e abril de 2015 e o resgate de milhares de membros da minoria Yazidi cercados no Monte Sinjar (território do Iraque) pelos militantes do “Estado Islâmico” em agosto de 2014, numa operação conjunta entre o PKK, o YPG e o YPJ, que contou com a participação decisiva das milícias femininas do YPJ em seu planejamento e execução (DIRIK, 2014a; GUPTA, 2016; MAHMOUD, 2014; CAMPBELL, 2016; TAX, 2015 e 2016).

Em consonância com a proposta de sociedade multi-étnica de Rojava, também atuam na região milícias assírias (Conselho Militar Síriaco) e árabes (Forças de Al-Sanadid, Brigadas al-Jazeera, Grupo Jaysh al-Thuwar, Batalhão Burkan al-Furat), todas componentes das Forças Democráticas Sírias e aliadas ao YPG na luta contra o “Estado Islâmico” e o regime sírio do Partido Baath (HAJI e MISTE, 2015).

Em outro paralelo com a Revolução Espanhola, onde as milícias populares autônomas também assumiram a segurança pública (ALEXANDER, 1999; BRENAN, 1943; BOLLOTEN, 1991; CASANOVA, 2005), a função de polícia em Rojava é desempenhada por uma força paramilitar organizada autonomamente

(Asayish), baseada na igualdade de gênero e considerada por indivíduos de ambos os sexos. Esta força é treinada em resolução não-violenta de conflitos, ética, história e teoria feminista e tem como função principal proteger a população de ataques armados e solucionar questões relacionadas a problemas sociais. Possui unidades dedicadas à administração de fronteiras, controle de tráfego, combate ao crime organizado, coleta de inteligência, antiterrorismo e prevenção da violência contra a mulher. A proposta do governo de Rojava é oferecer treinamento policial a todos os cidadãos para que estes se encarreguem de sua própria segurança a nível local e, assim, abolir inteiramente a própria Asayish (GRAEBER e ÖĞÜNÇ, 2014; JINDAR, 2016). Nas áreas de população síria, as unidades da Asayish operam em colaboração com uma força policial assíria (Sutoro), que oferece proteção especificamente para os cristãos assírios (GLIOTI, 2013).

Governança

Neste aspecto, os paralelos com a Revolução Espanhola são, talvez, menos claros. Na Espanha de 1936, existia um governo liberal constituído (a República), que os anarquistas se viram compelidos a apoiar (inclusive assumindo ministérios), em prol da unificação da luta contra o golpe militar fascista; isto significou “uma abdicação virtual das esperanças revolucionárias anarquistas” (WOODCOCK, 2002) e representou a desmoralização do movimento anarquista espanhol, à qual se seguiu sua derrocada. Embora tenham sido bem-sucedidos na coletivização das terras agrícolas e na autogestão das fábricas, os anarquistas espanhóis mostraram-se menos capazes na questão *Revista Território Autônomo | n° 3 | Primavera de 2016*

da organização política; com efeito, no momento inicial da revolução, a Confederação Nacional do Trabalho (CNT) não desempenhou o papel de coordenação política que dela se esperava (e que em Rojava é desempenhado pelo TEV-DEM), aderindo ao invés disso ao governo republicano - o que marcou o fim, não do anarquismo como ideia e movimento, na precipitada generalização de Woodcock (2002), mas do anarcossindicalismo, que desde então jamais ressurgiu como força anarquista importante.

Já em Rojava, a situação é diferente: apesar de a revolução social também ocorrer no contexto de uma guerra civil, tal como na Espanha de 1936, nesse caso os curdos se mantiveram inicialmente neutros e a região autônoma surgiu no vácuo político deixado pelo esvaziamento das estruturas do poder estatal no norte da Síria, com a retirada das forças de segurança do governo para lutar contra a oposição em outras partes do país. A partir deste momento, foram constituídas as Unidades de Proteção Popular e o Partido da União Democrática (PYD) e o Conselho Nacional Curdo (KCK), que formaram uma coalizão para organizar o sistema de autogoverno e assegurar a continuidade da revolução social (ao contrário do que ocorreu na Espanha, onde o governo republicano não apenas criou obstáculos à revolução social, como acabou por suprimi-la inteiramente). Um comitê foi apontado para redigir uma constituição - denominada “Contrato Social” - com ênfase nos direitos das minorias, igualdade de gêneros e sustentabilidade ecológica (PEACE IN KURDISTAN, 2014).

O sistema político de Rojava é baseado nos princípios do Confederalismo Democrático, do

Comunalismo e do Municipalismo Libertário, propostos originalmente pelo eco-anarquista estadunidense Murray Bookchin (BOOKCHIN, 2015) e adaptados para as condições regionais pelo ativista curdo Abdullah Öcalan⁴ (ÖCALAN, 2011; BIEHL, 2012). É, portanto, fortemente influenciado pelos conceitos do anarquismo e do socialismo libertário (KOLOKOTRONIS, 2015). O modelo de governança sem estado de Rojava se baseia em comunas livres em nível local, constituídas por bairros de algumas centenas de pessoas, com a tomada de decisões relativas à alocação de recursos para educação, saúde e segurança a cargo de comitês distritais eleitos diretamente por assembleias populares e compostos não por representantes, mas por delegados com mandatos limitados e sujeitos à revogação a qualquer momento (EGRET & ANDERSON, 2016). Neste nível, há um paralelo com os comitês revolucionários da Espanha revolucionária (BEEVOR, 2006). A participação das mulheres nos comitês é garantida por meio de uma cota mínima de 40% (BIEHL, 2014; OWEN, 2014). Em cada comuna há cinco ou seis comitês. Os comitês têm co-presidentes eleitos, de ambos os sexos, e há co-presidentes em todos os níveis, das comunas à administração dos cantões, a fim de assegurar a participação de todos os grupos étnicos de Rojava. Estes conselhos distritais estão integrados em uma rede de unidades administrativas auto-organizadas e autogovernadas, até o nível do cantão (ARETAIOS, 2015; BAHER, 2014; BIEHL, 2014; Strangers in a Tangled Wilderness, 2015). Os cantões, por sua vez, congregam-se numa federação

(a Federação do Norte da Síria – *Federasyona Bakurê Sûriyê*).

O sistema judicial de Rojava também é baseado nos conceitos do Confederalismo Democrático e pratica a justiça restaurativa (ao invés da justiça punitiva-retributiva praticada pela grande maioria dos Estados-nação), que concebe o delito como uma violação à pessoa, às relações interpessoais e à sociedade, sendo papel da justiça promover a reparação dos danos causados pelo ofensor e não meramente executar a punição do mesmo com base na transgressão de um conjunto de leis estabelecidos como norma estatal (ZEHR, 2008). Tribunais populares a nível local resolvem questões interpessoais e pequenos delitos através do diálogo e técnicas de resolução de conflitos; tribunais populares separados tratam de casos de família, violência doméstica e agressão a mulheres. Uma corte constitucional em nível dos cantões trata de questões relacionadas à aplicação da Constituição (“Contrato Social”) de Rojava. As prisões são administradas pelo TEV-DEM e utilizadas sobretudo para o encarceramento de acusados por atos terroristas relacionados ao “Estado Islâmico” e outros grupos extremistas. A pena de morte e a poligamia foram abolidas (AYOBOĞA, 2014). Se na Espanha “os anarquistas demonstraram que seus métodos podiam ser eficientes quando aplicados de forma espontânea e em âmbito local, mas fracassaram ao tentar coordená-los em escala maior” (WOODCOCK, 1981), em Rojava tiveram êxito precisamente neste aspecto.

Economia

Outro marcante paralelo entre a experiência espanhola e curda em Rojava aparece na área

⁴ Fundador do Partido dos Trabalhadores do Curdistão (PKK, *Partiya Karkerên Kurdistanê*), que mantém colaboração política e militar com o PYD.
Revista Território Autônomo | n° 3 | Primavera de 2016

econômica. Na Espanha revolucionária, ficaram célebres as bem-sucedidas experiências de coletivização e autogestão da economia, com os coletivos agrários e os conselhos de fábricas, além de várias cooperativas de serviços, sob controle e administração diretos dos trabalhadores, que mantiveram a economia em funcionamento, inclusive com aumento da produção agrícola e industrial, mesmo frente à escassez de matérias-primas e mão-de-obra em decorrência da guerra civil (ALEXANDER, 1999; BEEVOR, 2006; BOOKCHIN, 1994; DOLGOFF, 1974; LEVAL, 1945; MINTZ, 2008; PEIRATS, 2006; SANTILLÁN, 1980); em algumas áreas, chegou-se mesmo a abolir o dinheiro e a propriedade privada, estabelecendo-se o comunismo libertário (WOODCOCK, 2002).

Da mesma forma, em Rojava encontra-se em construção uma “economia social” (YOUSEF, 2015), em que a maior parte da economia industrial e agrária foi coletivizada e é administrada pelos próprios trabalhadores em regime de autogestão. À semelhança da Espanha revolucionária, onde segundo Leval (1945), centenas de coletivos agrários foram organizados, abrangendo milhões de camponeses, Yousef (2015) assinala que nos três cantões de Rojava surgiram centenas de coletivos agrários, com aproximadamente três quartos das propriedades agrícolas sob administração direta das comunas locais. A administração democrática autônoma de Rojava também incentiva a criação e capacitação de cooperativas de produção e serviços. Também a exemplo da Espanha revolucionária, em algumas comunas o dinheiro foi abolido como meio de troca (KOLOKOTRONIS, 2015). De modo geral, a propriedade privada não foi inteiramente abolida, *Revista Território Autônomo | n° 3 | Primavera de 2016*

porém os empreendedores individuais estão sujeitos às decisões democráticas dos conselhos comunitários locais, no sentido de que suas atividades sejam desenvolvidas em benefício do povo de Rojava (KNAPP, 2015). Não há cobrança de impostos de pessoas físicas ou de empresas, sendo os recursos financeiros necessários à manutenção da administração de Rojava obtidos principalmente com a exportação de petróleo e produtos agrícolas, que ainda excede a demanda interna. O controle de preços é administrado por comitês democráticos a nível cantonal, que podem fixar preços de produtos essenciais como alimentos e medicamentos e administrar a produção agrícola para impedir oscilações de preços (YILMAZ, 2014). Em outro paralelo com a Revolução Espanhola (onde ocorreu uma situação similar), apesar das circunstâncias da guerra civil e do bloqueio econômico imposto pela Turquia (que mantém fechada sua fronteira com o norte da Síria), a economia social de Rojava tem conseguido se manter relativamente estável e robusta (DRWISH, 2016).

Educação

Tal como ocorreu na Espanha revolucionária, onde os anarquistas prontamente implementaram, nas regiões liberadas, uma rede de ensino baseada no conceito de “escolas modernas” desenvolvido pelo pedagogo libertário catalão Francisco Ferrer (BEEVOR, 2006; BERNAL, 2005), também em Rojava têm ocorrido grandes transformações na educação (embora, neste caso, em linhas diferentes daquelas adotadas na Espanha revolucionária). A principal e mais abrangente foi a introdução do ensino do idioma nativo (curdo e

árabe), além do inglês como terceira língua, na educação primária e secundária (anteriormente, apenas o ensino do árabe era permitido nas escolas públicas sírias). Transformações revolucionárias foram realizadas também no campo da educação superior: se no início da guerra civil na Síria, não existiam instituições de ensino superior no norte do país, três universidades foram agora criadas em dois cantões de Rojava: a Academia Mesopotâmica de Ciências Sociais e a Universidade de Rojava, ambas em Cezîrê, e a Universidade de Efrîn em Efrîn. Todas essas instituições propõem-se a romper com a estrutura hierárquica da educação tradicional e apresentar uma nova abordagem ao ensino superior, em que estudantes e professores desenvolvam, na forma de um diálogo conjunto, um processo de aprendizagem contínuo e interativo (BIEHL, 2015). Em Rojava, os estudantes universitários são encorajados a pensar de forma ampla e considerar suas contribuições para a sociedade como um todo (BIEHL, 2015).

Outros paralelos

Alguns paralelos adicionais, mais sutis, porém não menos importantes, podem ser assinalados entre as revoluções espanhola e curda e referem-se às posturas da mídia, dos meios acadêmicos e da esquerda dita libertária, em relação a ambos os episódios.

Postura da mídia

Um destes paralelos adicionais pode ser observado na postura da mídia corporativa (que em oito décadas aperfeiçoou, mas não alterou, suas

técnicas de manipulação da opinião pública, sempre a serviço do capital e do estado) com respeito aos aspectos libertários dessas experiências revolucionárias. Na Guerra Civil Espanhola, a imprensa da época apresentou ao mundo a visão conveniente do conflito como uma luta entre a democracia liberal representada pelos republicanos e o nacionalismo autoritário dos militares fascistas e monarquistas – ignorando por completo a revolução libertária que se constituiu em um dos principais episódios da guerra civil; na época, tal visão foi estimulada pelos socialistas e comunistas, com base na concepção de que apresentar ao mundo o componente revolucionário do conflito poderia prejudicar a “legitimidade” do regime republicano e dificultar a obtenção de apoio da França e da Inglaterra – que, afinal, não apoiaram a República de qualquer forma (ALEXANDER, 1999; BEEVOR, 2006; BOLLOTEN, 1961, 1991; BOOKCHIN, 1994; DEACON, 2008). Da mesma forma, a mídia corporativa atual ignora completamente a existência da Confederação de Rojava e seus componentes libertários como as comunas livres, as cooperativas econômicas e oferecem escassa cobertura das Unidades de Proteção Popular e das milícias femininas do YPJ (CAMPBELL, 2016; TAX, 2015), invariavelmente referindo-se em seus noticiários televisivos apenas ao “exército sírio” ou às “forças sírias de oposição”. Pouca ou nenhuma menção é feita às conquistas econômicas, políticas e sociais que ocorrem em Rojava. Paradoxalmente, alguns órgãos importantes da mídia corporativa, como os jornais *The New York Times*, *Financial Times* e *The Wall Street Journal* e a rede de notícias Al-Jazeera, por vezes oferecem uma cobertura simpática ao que denominam “o

experimento democrático” dos curdos em Rojava (ROSS, 2015), com eventuais excessos como a fixação, quase pervertida, nas imagens de belas jovens curdas uniformizadas e armadas (DIRIK, 2014b; TAX, 2015, 2016). Em geral, a grande maioria da cobertura de notícias dos acontecimentos no Curdistão sírio é fornecida pelos veículos da mídia alternativa, sobretudo através da Internet.

Postura da academia

Outro paralelo adicional encontra-se na visão da academia em relação tanto à revolução espanhola quanto à revolução curda, que se caracteriza por uma interpretação dos fatos históricos no contexto de paradigmas convencionais que tendem a minimizar ou ignorar completamente os aspectos revolucionários desses episódios. Assim, no caso da Espanha, Alexander (1999) assinala que um historiador importante da Guerra Civil Espanhola (THOMAS, 1976) ignora quase por completo o papel dos anarquistas e trata o conflito sob o ponto de vista convencional da luta entre os republicanos e os nacionalistas (portanto assimilando de forma acrítica a versão produzida e divulgada na época pela máquina de propaganda comunista). Da mesma forma, Bozarslan (2014) ignora totalmente até mesmo a existência de qualquer movimento emancipatório no Curdistão sírio, mencionando apenas (erroneamente) a “emergência de uma entidade federal no Iraque” - onde, de fato, os curdos implantaram um governo regional autoritário e corrupto governando pelo clã dos Barzani, que se opõe à autonomia de Rojava, mantém boas relações com a Turquia do ditador Recep Tayyip Erdogan e faz generosas concessões a corporações transnacionais para exploração das

Revista Território Autônomo | n° 3 | Primavera de 2016

grandes jazidas de petróleo, gás e outros recursos minerais do Curdistão iraquiano.

Postura da esquerda

Além dos paralelos nas áreas acima mencionadas, pode-se estabelecer também um paralelo entre as atitudes de setores da esquerda diante da revolução libertária espanhola e da revolução social curda. Ambas as situações foram alvo de críticas diletantes, dogmáticas, sectárias e mal-informadas por parte de elementos da esquerda dita “libertária”, confusos e aparentemente inconformados diante do fato de que essas experiências revolucionárias não se enquadraram nas suas pré-concepções do que é, ou como deve ser, a “revolução social” (STANCHEV, 2015b). Ainda que pertinentes em alguns casos – como a crítica ao caráter “conservador” da Constituição (“Contrato Social”) de Rojava (que, porém, representa um enorme avanço em relação aos regimes autoritários prevalecentes no Oriente Médio) – de modo geral tais críticas (ANARCHIST FEDERATION, 2014; DAUVÉ, 2015; DAUVÉ e T. L., 2016; STORM, 2015) não diferem, em tom e em conteúdo, daquelas feitas à Revolução Espanhola, por exemplo, pelos comunistas internacionalistas alemães e holandeses (BOURRINET, 2008; MAIA, 2010); ao simplesmente classificarem a revolução social na Espanha como “burguesa” (à semelhança dos críticos da revolução social em Rojava) estas críticas dogmáticas contribuíram apenas para engrossar as fileiras dos “coveiros da revolução” (SANTILLÁN, 1940).

Diferenças

A despeito dos vários paralelos entre as experiências espanhola e curda acima apontadas, é preciso salientar que também existem diferenças entre ambas, refletindo as transformações históricas ocorridas nas oito décadas que as separam.

A maior diferença está no próprio conceito de Confederalismo Democrático (e ideias relacionadas, como Comunalismo e Municipalismo Libertário) e sua aplicação no caso de Rojava. Conforme proposto originalmente por Murray Bookchin na década de 1990 (BOOKCHIN, 2015) e desenvolvido mais tarde por Öcalan (2011), o Confederalismo Democrático é uma forma de administração política não-estatal ou democracia sem Estado, flexível, multicultural, antimonopolista e orientada para o consenso, que tem na ecologia e no feminismo seus pilares centrais. Representa, assim, um enorme avanço em relação ao anarcossindicalismo espanhol da década de 1930 que não teve êxito em oferecer uma proposta de organização política abrangente e radicalmente democrática para a Espanha revolucionária, ainda que iniciativas efêmeras semelhantes ao Comunalismo tenham sido implementadas de forma autônoma pelos coletivos da Catalunha e Andaluzia (BOOKCHIN, 1994). Estas e outras regiões da Espanha não dispunham, todavia, de um projeto organizacional amplo visando à formação de uma federação de regiões autônomas (como Rojava hoje) e, devido à guerra civil, não tiveram tempo suficiente para elaborá-lo - embora, como sugeriu Graeber (2013), esta fosse uma possibilidade real, se “as milícias anarquistas na Espanha tivessem derrotado o exército fascista, e então desfeito

Revista Território Autônomo | n° 3 | Primavera de 2016

completamente e expulsado o Governo Republicano socialista de seus gabinetes em Barcelona e Madri.”

Outra grande diferença entre as experiências espanhola e curda está na preocupação com a questão ecológica, um tema ignorado na Revolução Espanhola tratando-se, em geral, de uma questão que só adquiriu projeção com a expansão global da industrialização e seus impactos ambientais que se seguiram à Segunda Guerra Mundial.

Todavia, é importante frisar que, com notável presciência, Santillán (1980) já havia chamado a atenção para “a secular devastação dos bosques” e a degradação do solo espanhol decorrente desse processo (“Os bosques foram impiedosamente destruídos, sem nenhuma preocupação pelo provir”), incluindo os programas de reflorestamento e recuperação ambiental (ou “restauração ecológica” como seriam denominados hoje) entre as tarefas fundamentais da revolução. Em Rojava, a “economia social” é fundamentada, por princípio, nos conceitos de sustentabilidade ecológica e na visão das “atividades econômicas como atividades ecológicas aplicadas” (YOUSEF, 2015).

Por fim, outra diferença digna de nota relaciona-se à questão religiosa. Enquanto a experiência espanhola foi caracteristicamente marcada pelo anticlericalismo (dirigido à igreja católica, então uma das mais importantes forças reacionárias da Espanha), este componente anticlerical é inexistente na revolução social curda. Embora a proposta seja construir uma sociedade em bases seculares - em contraposição ao modelo de sociedade ultrarreacionário imposto pelo “Estado Islâmico” - a revolução curda em Rojava não é anticlerical e contempla, ao lado do secularismo,

todas as diversas formas de expressão religiosa ali existentes (yazidis, islâmicos xiitas e sunitas, judeus e cristãos assírios). A Constituição (“Contrato Social”) de Rojava assegura a liberdade de religião a todos os habitantes de Rojava, porém rejeitando “a intervenção da autoridade religiosa em assuntos públicos” (PEACE IN KURDISTAN, 2015).

Conclusão

Há muitos paralelos entre a Revolução Espanhola de 1936-39 e a revolução social iniciada em 2012 em Rojava, no Curdistão sírio, como apresentado ao longo deste trabalho.

É importante assinalar que os diversos paralelos apontados entre as experiências revolucionárias espanhola e curda são produtos de uma convergência (sem dúvida notável), mas obviamente não de uma continuidade histórica. Ainda é preciso frisar que essas experiências surgem de lutas concretas e questões políticas, sociais e econômicas objetivas, não sendo necessariamente inspiradas pela leitura de “textos clássicos” ou referenciadas a episódios do passado – uma observação que parece ter escapado a muitos críticos da revolução social em Rojava, como Dauvé (2015). No caso de Rojava, o povo curdo possui uma longa tradição de luta pela autonomia que remota, de fato, há milênios e que já incluía vários dos elementos hoje observados na revolução social no Curdistão sírio, como a economia comunitária e a emancipação das mulheres (IZADY, 1992).

Estes paralelos também demonstram que a experiência curda não é “nova” (ao contrário do sugerido por Stanchev, 2015a), sendo de fato o

exemplo mais atual das lutas emancipatórias anticapitalistas que remontam, pelo menos, à Comuna de Paris em 1871, passando pelos soviets na Rússia em 1905 e 1917 (antes da contrarrevolução bolchevique), a Makhnovtchina ucraniana de 1918-1920 e, como apontado neste trabalho, a revolução libertária espanhola de 1936-1939 e, posteriormente, também o movimento zapatista em Chiapas, México, a partir de 1994.

Com exceção do movimento zapatista, nenhuma dessas experiências sobreviveu por muito tempo. Como salientou Aretaios (2015): “A História tem mostrado que muitas dessas tentativas desapareceram ingloriosamente ou terminaram em carnificina”. É óbvio que não há nenhuma forma de prever se o notável experimento social de Rojava resistirá com sucesso e sobreviverá às muitas forças e pressões antagônicas com as quais se defronta (e que, embora distintas, são tão poderosas quanto aquelas com que se defrontou a revolução libertária espanhola). Do ponto de vista geopolítico, pode-se dizer que a situação de Rojava é ainda mais confusa do que a da Espanha revolucionária. Dividido entre Turquia, Síria, Iraque e Irã, o território do Curdistão está na área do “Grande Jogo” – o conflito estratégico pela supremacia na Ásia Central iniciado no século XIX entre os impérios britânico e russo e que continuou no século XX entre as grandes potências em disputa por poder político e influência econômica na região (KEARNS, 2009); isto pode ser observado hoje no antagonismo dissimulado entre os Estados Unidos da América e a Rússia na Guerra Civil Síria, com o primeiro fornecendo apoio às forças de oposição ao ditador sírio Bashar al-Assad e a segunda apoiando as forças governamentais. Em meio a tais disputas, o PYD

tem adotados soluções de compromisso tão contraditórias e desconfortáveis quanto aquelas assumidas pela CNT na Espanha revolucionária (BEEVOR, 2006; PEIRATS, 2006); por um lado, estabelece alianças com o regime do Partido Baath - que durante décadas oprimiu os curdos na Síria - e tenta aproximar-se do Governo Regional do Curdistão iraquiano liderado por Masoud Barzani - que, como mencionado anteriormente, mantém relações com a Turquia e não apoia o experimento social de Rojava (INTERNATIONAL CRISIS GROUP, 2014); por outro lado, aceita a cooperação militar com as grandes potências imperialistas, com forças especiais estadunidenses e britânicas combatendo o “Estado Islâmico” no Curdistão sírio ao lado dos combatentes do YPG (CALLIMACHI, 2015; VAN WILGENBURG, 2015). Tais compromissos e alianças são, em todo caso, instáveis (CALLIMACHI, 2015; INTERNATIONAL CRISIS GROUP, 2014) e não oferecem garantias de que tanto o regime sírio quanto o imperialismo não direcionem, no futuro, seu aparato militar para reprimir a revolução social em Rojava.

Contradições à parte, permanece o fato de que o experimento social de Rojava - com seu sistema político baseado nos princípios do Confederalismo Democrático, sua economia cooperativa com ênfase na sustentabilidade ecológica e sua sociedade secular multi-étnica, com respeito à igualdade de gênero - apresenta um imenso contraste com as ditaduras militares ou teocráticas que por décadas têm sido uma constante no Oriente Médio e oferece, de fato, um exemplo não apenas para a região, mas para todo o mundo. Hoje, como na Espanha

revolucionária de 1936, em Rojava fulguram algumas luzes de esperança.

Agradecimentos

A Federico Venturini e Timo Bartholl por úteis comentários e valiosas sugestões.

Referências bibliográficas

ACKELSBURG, Martha (2004). *Free women of Spain: anarchism and the struggle for the emancipation of women*. Oakland: AK Press.

AHMAD, Rozh (2012) Rare glimpse into Kurdish armed forces in Syrian Kurdistan. *Ekurd Daily*. Disponível em: <http://ekurd.net/mismas/articles/misc2012/8/syriakurd578.htm>. Acesso em: 14/07/2016.

ALEXANDER, Robert (1999). *The anarchists in the Spanish Civil War*. London: Janus Publishing.

ANARCHIST FEDERATION (2014). Anarchist Federation statement on Rojava. *Anarchist Federation*. Disponível em: <http://afed.org.uk/anarchist-federation-statement-on-rojava>. Acesso em: 08/07/2016.

ARETAIOS, Evangelos (2015). The Rojava revolution. *OpenDemocracy.net*. Disponível em: <http://www.opendemocracy.net/arab-awakening/evangelos-aretaios/rojava-revolution>. Acesso em: 08/06/2016.

AYOBOĞA, Ercan (2014). The new justice system in Rojava. *Ecology or Catastrophe*. Disponível em: <http://www.biehlonbookchin.com/justice-system-in-rojava>. Acesso em 14/07/2016.

BAHER, Zaher (2014) The experiment of Western Kurdistan (Syrian Kurdistan) has proved that people can make changes. *LibCom.org*. Disponível em: <https://libcom.org/news/experiment-west-kurdistan-syrian-kurdistan-has-proved-people-can-make-changes-zaher-baher-2>. Acesso em: 01/06/2016.

BEEVOR, Antony (2006) *The battle for Spain: the Spanish Civil War, 1936-1939*. London: Weidenfeld & Nicolson.

- BERNAL, Anastasio (2005). Anarquismo español y educación. *Athenea Digital*, no. 8, pp. 145-158.
- BIEHL, Janet (2012). Bookchin, Öcalan, and the dialectics of democracy. *New Compass*. Disponível em: <http://new-compass.net/articles/bookchin-öcalan-and-dialectics-democracy>. Acesso em: 29/05/2016.
- _____ (2014). Impressions of Rojava: a report from the revolution. *ROAR Magazine*. Disponível em: <http://roarmag.org/essays/janet-biehl-report-rojava>. Acesso em: 06/07/2015.
- _____ (2015). Revolutionary education in Rojava. *New Compass*. Disponível em: <http://new-compass.net/articles/revolutionary-education-rojava>. Acesso em: 28/06/2016.
- BRENAN, Gerald (1943). *The Spanish Labyrinth: an account of the social and political background of the Spanish Civil War*. Cambridge: Cambridge University Press.
- BOLLOTEN, Burnett (1961) *The great camouflage: the communist conspiracy in the Spanish Civil War*. New York: Frederick A. Praeger.
- _____ (1991) *The Spanish Civil War: revolution and counterrevolution*. Chapel Hill: The University of North Carolina Press.
- BOOKCHIN, Murray (1994). *To remember Spain: the anarchist and syndicalist revolution of 1936*. San Francisco: AK Press.
- _____ (2015). *The next revolution: popular assemblies and the promise of direct democracy*. London, New York: Verso.
- BOURINET, P. (2008). The Dutch and German communist left (1900-68). *Left Wing Communism*. Disponível em: <http://www.left-dis.nl/uk/dutchleft.pdf>. Acesso em: 30/05/2016.
- BOZARSLAN, Hamit (2014). The Kurds and Middle Eastern “state of violence”: the 1980s and 2010s. *Kurdish Studies*, vol. 2, pp. 4-13.
- CALLIMACHI, Rukmini (2015). Inside Syria: Kurds roll back ISIS, but alliances are strained. *The New York Times*. Disponível em: http://www.nytimes.com/2015/08/10/world/middleeast/syria-turkey-islamic-state-kurdish-militia-ypg.html?_r=1. Acesso em: 25/07/2016.
- CAMPBELL, Beatrix (2016). Who are they, these revolutionary Rojava women? *OpenDemocracy.net*. Disponível em: <http://www.opendemocracy.net/5050/beatrix-campbell/who-are-they-these-revolutionary-Rojava-women>. Acesso em: 15/07/2016.
- CASANOVA, Julián (2005). *Anarchism, the Republic and civil war in Spain: 1931-1939*. London: Routledge.
- DAUVÉ, Gilles (2015). Kurdistan? *LibCom.org*. Disponível em: <http://libcom.org/news/kurdistan-gilles-dauvé-17022015>. Acesso em: 19/02/2015.
- DAUVÉ, Gilles e T. L. (2016). Rojava: reality and rhetoric. *LibCom.org*. Disponível em: <http://libcom.org/library/rojava-reality-rhetoric-gilles-dauvé-tl>. Acesso em: 01/06/2016.
- DEACON, David (2008). *British news media and the Spanish Civil War: tomorrow may be too late*. Edinburgh: Edinburgh University Press.
- DIRIK, Dilar (2014a). What kind of Kurdistan for women? *Links - International Journal of Socialist Renewal*. Disponível em: <http://links.org.au/node/4109>. Acesso em: 14/07/2016.
- _____ (2014b). Western fascination with ‘badass’ Kurdish women. *Al Jazeera*. Disponível em: <http://www.aljazeera.com/indepth/opinion/2014/10/western-fascination-with-badas-2014102112410527736.html>. Acesso em: 14/07/2016.
- DOLGOFF, Sam (1974) (ed.) *The anarchist collectives: workers' self-management in the Spanish Revolution, 1936-1939*. New York: Free Life Editions.
- DRWISH, Sardar (2016). Will Syria’s Kurds succeed at self-sufficiency? *Al-Monitor*. Disponível em: <http://www.al-monitor.com/pulse/originals/2016/04/kurdish-areas-norther-syria-economy-self-sufficiency.html>. Acesso em 14/07/2016.

- EGRET, Eliza e ANDERSON, Tom (2016). *Struggles for autonomy in Kurdistan & corporate complicity in the repression of social movements in Rojava & Bakur*. London: Corporate Watch/Freedom Press.
- FITZHERBERT, Yvo (2014). A new kind of freedom born in terror. *OpenDemocracy.net*. Disponível em: <http://www.opendemocracy.net/arab-awakening/yvo-buxton/new-kind-of-freedom-born-in-terror>. Acesso em 14/07/2016.
- FLOOD, Andrew (2015). Rojava - revolution between a rock and a hard place. *Workers Solidarity Movement*. Disponível em: <http://www.wsm.ie/c/rojava-revolution-between-rock-and-hard-place>. Acesso em: 05/06/2016.
- FORSTER, Katie (2016). Syrian jihadist group Jabhat al-Nusra splits from al-Qaeda and renames itself. *The Independent*. Disponível em: <http://www.independent.co.uk/news/world/middle-east/nusra-al-qaeda-split-syria-jihad-jabhat-front-a7161321.html>. Acesso em 23/09/2016.
- GLIOTI, Andrea (2013). Syriac Christians, Kurds boost cooperation in Syria. *Al-Monitor*. Disponível em: <http://www.al-monitor.com/pulse/originals/2013/06/syria-syriacs-assyrians-kurds-pyd.html>. Acesso em: 14/07/2014.
- GRAEBER, David (2013). *O anarquismo no século XXI e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Rizoma Editorial.
- _____ (2014). Why is the world ignoring the revolutionary Kurds in Syria? *The Guardian*. Disponível em: <http://www.theguardian.com/commentisfree/2014/oct/08/why-world-ignoring-revolutionary-kurds-syria-isis>. Acesso em: 26/06/2016.
- GRAEBER, David e ÖĞÜNÇ, Pinar (2014). “No. This is a genuine revolution”. *ZNet*. Disponível em: <http://zcomm.org/znetarticle/no-this-is-a-genuine-revolution>. Acesso em: 01/06/2016.
- GUPTA, Rahila (2016). A revolution for our times: Rojava, Northern Syria. *OpenDemocracy.net*. Disponível em: <http://www.opendemocracy.net/> 5050/rahila-gupta/revolution-for-our-times-rojava-northern-syria. Acesso em: 16/07/2016.
- HAJI, Siber e MISTE, Qehreman (2015). War on ISIS unites Syrian Kurds, Arabs, and Christians. *ARA News*. Disponível em: <http://aranews.net/2015/11/war-on-isis-unites-syrian-kurds-arabs-and-christians>. Acesso em 14/07/2016.
- HILLER, Benjamin (2012). Kurdish Syria: from cultural to armed revolution. *Egypt Independent*. Disponível em: <http://www.egyptindependent.com/news/kurdish-syria-cultural-armed-revolution>. Acesso em 14/07/2016.
- INTERNATIONAL CRISIS GROUP (2014). *Flight of Icarus? The PYD precarious rise in Syria*. Middle East Report no. 151. Brussels: International Crisis Group.
- IZADY, Mehrdad (1992). *The Kurds: a concise handbook*. New York: Taylor & Francis.
- JİNDAR, Beritan Sarya-Cilo. (2016). Rojava Asayish: Security institution not above but within the society. *ANF News*. Disponível em: <http://www.anfenglish.com/features/rojava-asayish-security-institution-not-above-but-within-the-society>. Acesso em 14/07/2016.
- KEARNS, Gerry (2009). *Geopolitics and empire*. Oxford: Oxford University Press.
- KNAPP, Michael (2015). Rojava – the formation of an economic alternative: private property in the service of all. *Peace in Kurdistan*. Disponível em: <https://peaceinkurdistancampaign.com/2015/02/06/rojava-the-formation-of-an-economic-alternative-private-property-in-the-service-of-all>. Acesso em: 14/07/2016.
- KOLOKOTRONIS, Alexander (2014). The no state solution: institutionalizing libertarian socialism in Kurdistan. *New Politics*. Disponível em: <http://newpol.org/content/no-state-solution-institutionalizing-libertarian-socialism-kurdistan>. Acesso em: 28/06/2016.
- KURDISTAN NATIONAL CONGRESS (2014). *Canton based democratic autonomy of Rojava (Western Kurdistan – Northern Syria): A*

transformations process from dictatorship to democracy. Brussels: Kurdistan National Congress.

LEVAL, Gaston (1945). *Collectives in Spain*. London: Freedom Press.

LEVERINK, Joris (2015). The revolution behind the headlines: autonomy in northern Syria. *Telesur*. Disponível em: <http://www.telesurtv.net/english/opinion/The-Revolution-Behind-the-Headlines-Autonomy-in-Northern-Syria-20150222-0011.html>. Acesso em 14/07/2016.

MAHMOUD, Houzan (2014) Kurdish female fighters and Kobanê style revolution. *The Huffington Post*. Disponível em: http://www.huffingtonpost.co.uk/houzan-mahmoud/kurdish-female-fighters-_b_5944382.html. Acesso em 08/07/2016.

MAIA, Lucas (2010). Os comunistas conselhistas e o anarquismo: a crítica ao anarco-sindicalismo no contexto da guerra civil espanhola *Revista Espaço Acadêmico*, no. 106, pp. 139-145.

MINTZ, Frank (2008). *Autogestión y anarcosindicalismo en la España revolucionaria*. Buenos Aires: Libros de Anarres.

ÖCALAN, Abdullah (2011). *Democratic confederalism*. London: International Initiative.

ORWELL, George (1986). *Lutando na Espanha e Recordando a Guerra Civil*. Rio de Janeiro: Editora Globo.

OWEN, Margareth (2014). Gender and justice in an emerging nation: My impressions of Rojava, Syrian Kurdistan. *Ceasefire*. Disponível em: <http://ceasefiremagazine.co.uk/gender-justice-emerging-nation-impressions-rojava-syrian-kurdistan>. Acesso em 08/07/2016.

PEACE IN KURDISTAN (2015). Charter of the Social Contract. *Peace in Kurdistan*. Disponível em: <https://peaceinkurdistancampaign.com/charter-of-the-social-contract>. Acesso em: 14/07/2016.

PEIRATS, José (2006 [1962]). *Los anarquistas em la crisis política española (1869-1939)*. Buenos Aires: Libros de Anarres.

RAGO, Margareth (2008). Novos modos de subjetivar: a experiência da organização Mujeres Libres na Revolução Espanhola. *Estudos Feministas*, Florianópolis, vol. 16, pp. 187-206.

ROSS, Carne (2015). The Kurds' democratic experiment. *The New York Times*. Disponível em: <http://www.nytimes.com/2015/09/30/opinion/the-kurds-democratic-experiment.html>. Acesso em: 29/06/2016.

SANTILLÁN, Diego Abad de (1940). *Por qué perdimos la guerra*. Buenos Aires: Imán.

_____ (1980) *Organismo econômico da revolução: a autogestão na Revolução Espanhola*. São Paulo: Brasiliense.

STANCHEV, Petar (2015a). From Chiapas to Rojava: seas divide us, autonomy binds us. *ROAR Magazine*. Disponível em: <http://roarmag.org/essays/chiapas-rojava-zapatista-kurds>. Acesso em 08/07/2016.

_____ (2015b) Mr. Anarchist, we need to have a chat about colonialism. *ROAR Magazine*. Disponível em: <http://roarmag.org/essays/zapatistas-rojava-anarchist-revolution>. Acesso em 08/07/2016.

STORM, Peter (2015). Dear cheerleaders, we need to have a chat about imperialism. *LibCom.org*. Disponível em: <http://libcom.org/blog/dear-cheerleaders-we-need-have-chat-about-imperialism-04042015>. Acesso em: 22/07/2016.

STRANGERS IN A TANGLED WOLDERNESS (eds.) (2015). A mountain river has many bends: and introduction to the Rojava revolution. In: *A small key can open a large door: the Rojava revolution*. Strangers in a Tangled Wilderness.

TAX, Meredith (2015). The revolution in Rojava. *Dissent Magazine*. Disponível em: http://www.dissentmagazine.org/online_articles/the-revolution-in-rojava. Acesso em: 28/06/2016.

_____ (2016). *A road unforeseen: women fight the Islamic State*. New York: Bellevue Literary Press.

TEJEL, Jordi (2009). *Syria's Kurds: history, politics and society*. London: Routledge.

THOMAS, Hugh (1976). *La guerra civil española*. Barcelona: Grijalbo.

WEINBERG, Bill (2015). Syria's Kurdish revolution: the anarchist element & the challenge of solidarity. *Fifth State*, no. 393. Disponível em: <http://www.fifthestate.org/archive/393-spring-2015/syrias-kurdish-revolution>. 22/05/2015.

WOODCOCK, George (1981). (org.). *Os grandes escritos anarquistas*. Porto Alegre, L&PM.

_____ (2002 [1984]). *Anarquismo (uma história das ideias e movimentos libertários), vol.1, a ideia, vol. 2. o movimento*. Porto Alegre: L&PM.

VAN WILGENBURG, Wladimir (2015). U.S. troops 18 miles from ISIS capital. *The Daily Beast*. Disponível em: <http://www.thedailybeast.com/articles/2016/05/26/u-s-troops-18-miles-from-isis-capital.html>. Acesso em 25/07/2016.

YILDIZ, Kerim (2005). *The Kurds in Syria: the forgotten people*. London: Pluto Press.

YILMAZ, Sedat (2014). Efrîn Economy Minister Yousef: Rojava challenging norms of class, gender and power. *Dicle News Agency*. Disponível em: <http://diclenews.com/en/news/content/view/436354>. Acesso em 14/07/2016.

YOUSEF, Ahmad (2015). The social economy in Rojava. *KurdishQuestion.com*. Disponível em: <http://kurdishquestion.com/oldsite/index.php/kurdistan/west-kurdistan/the-social-economy-in-rojava/917-the-social-economy-in-rojava.html>. Acesso em 08/06/2016.

ZEHR, Howard (2008). *Trocando as lentes: um novo foco sobre o crime e a justiça*. São Paulo: Palas Athena.